

Bergman & eu

FELIPE FIGUEIRA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

CRISE

Quantos pedreiros podem lidar com poeiras?

Em regra, é isso que casas são:

cacos e caos.

Não muito diferente são as nossas mentes:

poeiras sem eira nem beira

repletas de cacos e caos.

Em tudo isso não há nada de grandioso,

apenas dramas cotidianos.

Poeiras são desilusões que nos incomodam –

somente isso.

Parca metáfora é a de dar à luz a uma criança,
pois cada vez mais a noite se alonga.

Na repetição do dia a dia

há pouco espaço para luzes,

apenas para cinzas.

Utopia? Idealizar.

Felicidade? Ser prático e às vezes somente ver

navios naufragarem.

O mundo cai sob os nossos pés

enquanto nós estamos sobre a lua –

algo de muito errado se passa com a raça humana.

Nós não temos como dever

ajudar meia dúzia de pessoas

sempre que possível.

Nossa riqueza, ao contrário,
tem mais servido ao ser e ao rir.
Todavia, apesar de todas as lamentações,
as coisas apenas são como devem ser:
pais deixam os filhos
e filhos deixam os pais.

Qual a âncora que temos que nos prende
à realidade?
Talvez o nosso corpo,
talvez o nosso autocontrole,
talvez a própria falta de um oceano.
A questão é que o lado sombrio de toda criatura
não pode ser de todo ocultado,
e nesse cenário a âncora é posta na lua,
no ar que a tudo desmancha.

Minhas crises atingem pedreiros?
Não acredito muito nisso,
porque eles, acostumados a trabalhar com pedras,
estão mais ligados à realidade.
Há uma distância entre pedreiros e poetas,
mas eles estão mais próximos do que imaginamos,
porque a nossa mente, ainda que criativa,
mente.

CHOVE SOBRE NOSSO AMOR

De antemão peço ao senhor,
caro leitor, que me perdoe
pelas minhas palavras pessimistas,
é que em minha mente há diversos monstros que,
não decifrados, me devoram.

As pessoas ficam felizes porque suas vidas foram
hipotecadas.

Quem antes tinha pouco e, agora, muito pouco –
sofre preconceito.

Chove, chove, chove preconceito.

Exija-se de alguém um valor acima
de suas capacidades –
e logo a delinquência poderá assinar
uma promissória.

Quem não tem uma mala – sofre preconceito.

Quem se esforçou em uma guerra – sofre preconceito.

Quem tem muitas malas – também sofre preconceito.

Os imigrantes e emigrantes – sofrem preconceito.

Os que andam a pé e de carro – sofrem preconceito.

Os presos e suas companheiras – também sofrem preconceito.

Quem começa uma nova vida sem vida – sofre preconceito.

Quem tem pés grandes, sua bastante,
possui muitas espinhas e nariz grande – sofre preconceito.

Chega a ser repetitivo tudo isso,

mas quem trabalha com a lógica –
também sofre preconceito.

Aos amantes de guerras,
meus sinceros preconceitos,
porque não sei como alguém pode gostar
de tragédias seguidas de tragédias.
Estudo nas mortes o instinto de morte
e, quem sabe com alguma sorte, sofrerei pouco
preconceito.

Os cachorros de rua – sofrem preconceito.
Os ambulantes – sofrem preconceito.
Os crentes, os ateus e os umbandistas – também sofrem pre-
conceito.
Os estudiosos – sofrem preconceito entre os que se dizem
estudiosos.
Uma pessoa forte e saudável – sofre preconceito.
As minhas cartas sem destinatário nada têm a
acrescentar
a quem me vê com preconceito.
Quem está à margem da sociedade,
o trem simplesmente passa por cima.
Os preconceitos não param por causa dos gritos.

O amanhã? Por si só sofre preconceitos
em nossas mentes.
Preferimos perder o trem a sair da chuva –
por mais que trens, no Brasil, sejam apenas
lembranças.

EM UM BARCO PARA A ÍNDIA

I – Em um barco cheio de repartições

Quando nos colocamos à distância,
talvez dois, talvez sete anos,
as pessoas passam a ficar parecidas
umas com as outras,
do contrário, como poderia um capitão de navio
ficar tão confuso sobre as aparências?

Como delimitar as fronteiras da água?

Como delimitar as bordas do fogo?

O direito, meio sem jeito,

tenta traçar umas linhas

desajeitadas,

mas tudo que dança risca os riscos

dia após dia.

Mas, apesar da água que compõe o músico sueco

ser a mesma que forma o harpista venezuelano,

nem por isso todos são iguais.

Não adianta alimentar certas utopias,

na verdade, certas hipocrisias que não distinguem

a água do lodo,

e o fogo do destempero.

Há muitas pessoas que, ao viverem no lodo,

foram deixadas de lado.

II – Em um barco cheio de atores

Que ninguém perturbe a paz em um teatro,
porque a dor não possui muitas máscaras.

A pior coisa não é quando as cortinas se fecham,
mas quando se percebe que, antes, nada se viu.

Meus versos são conchas que assobiam
todo o mar dentro de cada ser humano.

É divertido ver a confusão na mera leitura
do meu mar de palavras.
Há ideias que estão na superfície,
mas outras que só podem ser acessadas nas
profundezas.

Não ligo que falem de mim pelas costas,
pois em minha corcova habitam milhares
de maravilhas.

Poesias são universos à parte,
portanto, como exigir entender de chofre
uma nova linguagem?

953ev75x:

em algum rincão isso é uma música.

III – Em um barco em círculos

Eu e meus moinhos:
o mundo gira e gira,
mas, no fundo, todos permanecem
sozinhos.

Eu e meus moinhos:
nunca estamos sozinhos, porque mesmo em sonhos
estamos acompanhados.

Eu não tenho nada –
apesar dos meus muitos livros;
eu não sou nada –
apesar do meu trabalho;
eu não sei nada –
apesar dos meus muitos títulos.
Sozinho, eu e meus moinhos
somos vertigem e labirinto.

Paraná, rio tão grande que desagua
em águas ainda maiores;
eu, tão farto em líquidos,
parece que não desaguarei em lugar algum.

Eu e meus moinhos nos mexemos,
mas não sabemos ao certo para onde ir.
Na vida nada dura para sempre,
exceto a água, mole, que dura.
Ainda assim, é melhor (r)ir
do que ficar parado.

Tudo que foi feito ao longo da vida
pode ser desfeito em apenas um dia,
uma hora, um minuto.

A catástrofe está além dos ponteiros
dos relógios,
ela é uma marreta e ponto
final.

Que raiva tenho de ser
tão irascível!

Que me acusem de tudo,
menos de ter cultivado o vazio.

Que me acusem de tudo,
menos de ser um rio sem peixes.

Que me acusem de tudo,
menos de não ter lutado contra os meus demônios.

Se por um segundo ou por um centímetro
eu puder ter superado o tempo
ou os milhares de muros em nossas mentes,
poderei dizer que a minha poesia
de fato foi poesia
e que tudo valeu a pena.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em fevereiro de 2024.
